

A CRISE CONTEMPORÂNEA DA ASCESE MORAL E O DESCENSO ÉTICO DO PENSAMENTO PROTESTANTE¹

Gerson Joni Fischer²

1. Introdução

A temática aqui proposta considera as pessoas chamadas a vivenciarem sua fé no contexto da igreja cristã, situada em distintos contextos de uma modernidade em crise ética. A abordagem sobre a ética do descenso, foco final do presente trabalho, contempla a tradição protestante a este respeito, centralizando-se na mensagem evangélica da acolhida graciosa de homens e mulheres por Deus, em Cristo. Dá-se atenção especial às ações dos indivíduos que confessam a boa nova do evangelho, ou seja, a intencionalidade e a prática de uma espiritualidade compromissada e responsável que salienta o amor incondicional de Deus.

O trabalho versa, em uma primeira seção, sobre o conceito de ética. Nesta se levantam indagações que não são passíveis de serem respondidas totalmente, apresentando-se por meio de polos que não se excluem. Aponta-se para a atualidade do tema e verifica-se que autores contemporâneos refletem uma preferência por historiar sobre o assunto, possivelmente em função de uma cultura contemporânea que apresenta resistência a qualquer perspectiva universalizante a respeito da ética. O tópico é de caráter introdutório, apontando-se para referências auxiliares ao aprofundamento dos assuntos nele levantados.

Na seção seguinte, a mais extensa do trabalho, promove-se discussão a propósito dos aspectos fundamentais do modelo ético clássico, de especificidade humanista, que se impôs historicamente no mundo ocidental, com suas distintas

¹ Nos dias 15 a 17 de outubro de 2013 aconteceu a “Convenção Nacional de Ministras e Ministros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil” na cidade de Curitiba (PR). O tema geral deste encontro (Entre Alegria e Sofrimento: Espiritualidade e Ética no Ministério na IECLB) foi proposto por intermédio de apresentações e discussões plenárias, bem como em Oficinas que reuniram grupos menores, tendo por fim propiciar espaço para a troca de experiências e diálogo. O trabalho aqui oferecido é uma versão ampliada e adaptada da Oficina: “Espiritalidade, ética e ministério: como se relacionam?”, desenvolvida pelo autor em dois momentos distintos no evento. A ética é discutida por meio de abordagens históricas e contemporâneas e aproximada à sua compreensão e assimilação na tradição da Reforma Protestante.

² Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), professor no Mestrado Profissionalizante e no Bacharel em Teologia (EaD) das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Curitiba, PR – Brasil. Pós-Doutorado em Berlim, Alemanha, abril a novembro de 2010. Ênfase da pesquisa: neurociências e neurofilosofia. Grande área: Ciências Humanas/ Áreas: Filosofia e Teologia. Local da Pesquisa: Humboldt University of Berlin. Apoio: Dr. José Raimundo Facion. Bolsista da: Evangelische Kirche in Deutschland. Contato: gersonjf@hotmail.com

nuances. É analisada a crise contemporânea deste modelo, caracterizado pela ascese, enquanto se revisita a sua compreensão na era moderna.

A ética cristã, como momento segundo, expressão de espiritualidade, bem como sua apreensão na tradição evangélica protestante, é o assunto do item final. A ênfase recai no sentido do descenso ético, enquanto via para a sua apreensão, confrontada com a pergunta maior da presente abordagem temática: como se situa a ética cristã diante da atual crise moral que caracteriza o mundo contemporâneo?

1. Ética: indagações não respondidas, conceituações e contemporaneidade

Há sinonímia entre a palavra ética e o termo moral? Os parâmetros proposta por aquela possuem valor universal ou apenas local e circunstancial? O ser humano é e torna-se livre ao observar seus preceitos? Autonomia e soberania são similares em sentido quando se reflete sobre as implicações práticas da ética? Quais as possibilidades e os limites de seu discurso frente à percepção inequívoca da maldade humana, tanto em suas manifestações individuais quanto coletivas? Encontra-se em cada pessoa uma consciência do dever a ser cumprido ou o fundamento para o certo e o errado se baliza no que lhe proporciona prazer? A assim chamada “lei moral”, sobre a qual muitos pensadores discorreram,³ é um dado inerente à consciência humana ou uma criação humana de feitio religioso e cultural? E, em se mencionando tal lei, trata-se esta de uma presença espiritual ou é tão somente um produto emergente das sinapses neurais de cada pessoa? Tais indagações são difíceis de serem respondidas, por envolverem a complexidade do ser e as situações vividas por homens e mulheres em distintos contextos sociais e temporais. Procura-se, porém, no trabalho que aqui se apresenta dialogar com base em algumas delas.

Do legado deixado por Aristóteles percebe-se que, em seu tempo, percebeu a importância e o lugar da ética para auxiliar a regular as relações que os indivíduos estabelecem com seus semelhantes e com o meio no qual se encontram inseridos. Em palavras deste filósofo grego “o homem, quando ético, é o melhor dos animais; mas, separado da lei, e da justiça, é o pior de todos”.⁴ Aliás, não somente em

³ O assunto é abordado no tópico seguinte.

⁴ Aristóteles *apud* COLETTI, Roseli Nunes. *Bioética. Paradigma de qualidade nas Instituições Promotoras de Saúde*. Londrina: UEL, 2000, p. 7.

Aristóteles, porém também entre outros filósofos do mundo grego, fazia-se clara distinção conceitual entre uma ética praticada por imitação e costume daquela que surgia como fruto da reflexão sensível e consciente. Tal diferenciação tornou-se evidente pelas duas formas que o vocábulo *ethos* (ética) passou a ser pronunciado e escrito:

Ethos, escrita com a vogal longa significa costume, porém, escrita com vogal breve, significa *caráter, índole natural, temperamento*, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa. Nesse segundo sentido, *ethos* se refere às características pessoais de cada um que determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar. Referem-se, portanto, ao senso moral e à consciência ética individuais.⁵

O ideal filosófico grego de uma ética a ser desenvolvida por meio de sensibilização e da consciência marcou de modo profundo a história das nações ocidentais influenciadas pela fé e cultura cristãs e foi mediado pelo viés de uma moral das virtudes. A assimilação desta conduta virtuosa cidadã exigia e implicava em educação do caráter.⁶

Ética e moral (*mor* no latim) não se distinguem, quando se trata de considerar sua etimologia. No decorrer da história, porém, o termo de origem latina associou-se mais a uma compreensão do comportamento humano de base religiosa, enquanto que seu correlato grego, ao menos mais recentemente, vem sendo definido com base em tradições filosóficas. Na atualidade há autores que associam moral ao cumprimento das normas da lei e ética a uma dimensão reflexiva e mais autônoma de sua observação. É possível também afirmar, à luz de alguns teóricos, que a moral se ocupa com a construção subjetiva do conhecimento ético, o que corresponderia à adoção e amadurecimento de valores.⁷

A ética vem sendo tematizada na atualidade por distintos meios de comunicação e está presente, definitivamente, nas falas cotidianas das pessoas; tendo isto, possivelmente, ocorrido de modo semelhante em toda a história da humanidade. De sua contemporaneidade infere-se que se trata do reflexo de uma

⁵ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994, p. 340.

⁶ CHAUI, 1994. Para uma compreensão mais ampla da trajetória histórica do ideal ético grego até os tempos modernos ver as páginas 339 a 356.

⁷ COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Para um entendimento mais aguçado desta discussão ver as páginas 689 a 699.

crise de consenso quanto à sua compreensão, bem como da ausência acentuada de um acordo mínimo quanto ao que deve vigorar em diferentes meios em que esta é solicitada.⁸ O assunto integra-se hoje a uma agenda necessária, mas de difícil definição teórica e prática. O pluralismo cosmopolita que caracteriza parte significativa do comportamento das populações que compõem o planeta, bem como o crescente ceticismo quanto às possibilidades de uma moral decorrente da educação das consciências em fazer frente à onda de violência e maldade que as assolam, se apresentam como dificuldades de difícil encaminhamento. Em relação a este espírito cétilo que vem dominando a cultura contemporânea, Robles expressa acertadamente:

Erich Neumann (1985) nos fala sobre velha ética e nova ética, uma vez que o homem moderno tornou-se tão cétilo e inseguro dos valores, que já não consegue mais se perceber como um lutador contra o mal e em favor do bem. As fronteiras se abrem para uma Nova Ética, não mais baseada em castas e regras rígidas.

A velha ética determinou, em sua forma judeu-cristã, a estrutura da humanidade ocidental. Mas podemos detectar, até mesmo nas Artes, os inícios de uma nova ética que manifesta uma mudança na constelação psíquica básica do homem moderno.⁹

Em função da negação de universais na cultura contemporânea,¹⁰ buscam-se princípios mínimos que possam promover a justiça nas relações entre as pessoas e povos e a sustentabilidade do planeta. A ética vem se situando enquanto bioética, um saber a serviço da defesa da dignidade dos seres vivos em sua não-neutralidade que os caracterizam:

Se quisermos pensar ética, não podemos fazê-lo por fora ou além dos parâmetros imperativos e definidores da dignidade da vida. Não existe ética que não seja bioética, assim como não existe vida que não seja uma questão ética por excelência, em sua não-neutralidade definitiva.¹¹

O enfoque das discussões éticas na sustentabilidade da vida no planeta possui um caráter menos antropocêntrico, mais cosmopolita. O que se percebe não

⁸ ENGELHARDT, JR. H. Tristram. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Loyola, 1998. Para uma discussão sobre o pluralismo moral contemporâneo ver as páginas 21 a 50.

⁹ ROBLES, Deusa Rita Tardelli. A ética do cuidar na contemporaneidade. *Revista Psicoteologia*, São Paulo, ano XXI, n. 53, p. 31, 2º semestre de 2013.

¹⁰ WESTPHAL, Euler Renato. *O oitavo dia – na era da seleção artificial*. São Bento do Sul: União Cristã, 2004. Para um aprofundamento acerca do assunto relacionado à negação dos universais ver as páginas 17 a 26.

¹¹ SOUZA, Ricardo Timm de. C. Bases filosóficas atuais da bioética e seu conceito fundamental. In.: PELIZZOLI (org.) *Bioética como novo paradigma. Por um novo modelo biomédico e biotecnológico*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 122.

é uma negação dos desejos manifestos pelo indivíduo – uma característica tipicamente da era moderna – porém, o que se busca superar são os dilemas daí advindos.¹² Os debates em torno da ética pendem hoje mais para as perguntas que refletem preocupação com a manutenção da vida em sua coletividade e refletem as incertezas provocadas por comportamentos por demais individualizados (ainda que pautados por normas mais ou menos “universais”):

Um exemplo: na cultura europeia moderna, eficiência e pontualidade correspondem a imperativos reconhecidos de modo geral. O veículo automóvel privado, fazendo parte da infra-estrutura das modernas sociedades ocidentais, em muitas situações é o mais eficiente meio de locomoção. Mas sabemos que a densidade de motorização nessas sociedades – em última análise, por causa do uso de energias não renováveis – não é universalizável. No entanto, a consciência desse estado de coisas não se manifestou ainda, nem influiu em nosso relacionamento com as normas de pontualidade e eficiência.¹³

A atualidade dos temas que envolvem a ética relaciona-se com o desenvolvimento impar da ciência e da tecnologia em tempos recentes, uma vez que cresce a consciência que estas não são de uso neutro. Levantam-se interrogantes, como as inclusas na percepção da importância de se defender a dignidade da vida e que os recursos naturais não se renovam na mesma intensidade de sua exploração. Alia-se a este tino o mau uso de tais recursos, atingindo o equilíbrio da vida como um todo. A resiliência humana, animal e do meio encontra-se ameaçada. Buscam-se alternativas práticas que poderiam promover uma ética da responsabilidade, menos consumista, menos exacerbada.

2. A tradição ética Ocidental e o esgotamento da ascese

A ética filosófica grega representa a “velha moral”,¹⁴ tradição no Ocidente, em seus desdobramentos e transformações até a era moderna. Sua proposta é de maturação do caráter pessoal, preconiza comportamentos desenvolvidos por sensibilização e conscientização. A palavra-chave que a explica é *consciência* e

¹² MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000. Para um aprofundamento do assunto, ver especialmente as páginas 105 a 115.

¹³ KESSELRING, Thomas. O ser humano no campo de tensão entre tradição e universalização. In.: BRITO, Adriano Naves de (Org.) *Ética: questões de fundamentação*. Brasília: UnB, 2007, p.140-141.

¹⁴ ROBLES, 2º semestre de 2013, p. 31.

envolve exercícios práticos de ascese, com o fim de conduzir às virtudes e à perfeição.

O senso ético, nesta tradição, é a capacidade adquirida de exprimir por meio de ações sentimentos como:

- *Solidariedade* – “No plano da solidariedade, todos são convocados a defender o que lhes é comum”.¹⁵
- *Culpa* – Desejo “de voltar atrás no tempo e agir de modo diferente”.¹⁶
- *Altruísmo* – Atitude sacrificial “de uma pessoa cujas palavras e ações manifestam honestidade, honradez, espírito de justiça...”¹⁷
- Indignação – “...cólera diante do cinismo dos mentirosos, dos que usam outras pessoas como instrumento para seus interesses e para conseguir vantagens às custas da boa-fé de outros”.¹⁸

E o que é consciência ética para a mesma tradição? Refere-se às decisões que necessitam ser tomadas e envolve a adoção de posições nas quais a melhor opção é a que provoque menor prejuízo. O procedimento justo das ações que são requeridas, inúmeras vezes, é desafiado por circunstâncias em que fazer-se uma distinção clara entre o certo e o errado não é tarefa simples. A pergunta mais comum nestas situações é: “Que fazer? (...) ...exigem que decidamos o que fazer, que justifiquemos para nós mesmos e para os outros as razões de nossas decisões e que assumamos todas as consequências delas, porque somos responsáveis por nossas opções”.¹⁹

Para os pensadores da ética clássica – os filósofos gregos – a vontade do ser humano é movida por paixões caóticas. O domínio desta deveria se dar pela educação da pessoa, de modo que, sensibilizada e conscientizada, por meio do uso da razão (consciência) e da força do hábito, venha a realizar o bem e as virtudes:

O sujeito ético ou moral não se submete aos acasos da sorte, à vontade e aos desejos de um outro, à tirania das paixões, mas obedece apenas à sua consciência – que conhece o bem e as virtudes – e à sua vontade racional – que conhece os meios adequados para chegar aos fins morais. (...) Os

¹⁵ COMPARATO, 2006, p. 577.

¹⁶ CHAUÍ, 1994, p. 334.

¹⁷ CHAUÍ, 1994, p. 334.

¹⁸ CHAUÍ, 1994, p. 334.

¹⁹ CHAUÍ, 1994, p. 335.

filósofos antigos (gregos e romanos) consideravam a vida ética transcorrendo como um embate contínuo entre nossos apetites e desejos – as paixões – e nossa razão. Por natureza, somos passionais e a tarefa primeira da ética é a educação de nosso caráter ou de nossa natureza, para seguirmos a orientação da razão. A vontade possuía um lugar fundamental nessa educação, pois era ela que deveria ser fortalecida para permitir que a razão controlasse e dominasse as paixões.²⁰

A reflexão e educação ética em seu sentido clássico põe-se a serviço de garantir a integridade física e psíquica das pessoas, reduzindo, desse modo, a violência intrínseca à natureza humana. Possui, por isto mesmo, uma dimensão política, pois por seu intermédio intenta-se formar o cidadão “como membro da coletividade sociopolítica”.²¹

Um exemplo que ilustra o pensamento filosófico grego pode ser personificado em Aristóteles. Este influenciou, entre inúmeras áreas do conhecimento, a medicina de Galeno e prossegue, até o tempo presente, sendo mencionado e discutido. Após intensos debates, foi também assimilado entre as igrejas cristãs; base para a escolástica da Idade Média.²² Em sua reflexão ética, fazia distinção entre *virtudes éticas* e *virtudes da compreensão*,²³ situando estas últimas como as melhores, uma vez que correspondiam a uma completa dedicação à ciência e à filosofia:

Disto segue que, para realizarem-se, vocês devem viver de acordo com as virtudes humanas. Nós sabemos que há duas espécies de virtudes humanas: de uma parte as virtudes do caráter (ou também virtudes éticas) e de outra as virtudes da compreensão (as assim chamadas virtudes dianoéticas). Às virtudes do caráter pertence a coragem, a generosidade, o senso de justiça, a amabilidade, a graça... As virtudes da compreensão envolvem inteligência, sabedoria, rigor... As virtudes da compreensão são classificadas antes das virtudes éticas; e por isto corresponde a elas uma forma de vida melhor – uma vida dedicada à ciência e à filosofia.²⁴

²⁰ CHAUÍ, 1994, p. 342.

²¹ CHAUÍ, 1994, p. 342.

²² BARNES, Jonathan. *Auf einen Kaffee mit Aristoteles*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2010.

²³ As virtudes da compreensão são chamadas de *dianoéticas*. Aristóteles entendia que a alma humana obedecia a duas partes: a racional e a irracional. A primeira devia sobrepor-se sobre esta última pelo ensino e educação da razão e da compreensão. A reflexão dianoética era considerada ciência e as pessoas que a ela se dedicavam envolviam-se em um estilo de vida considerado melhor. E isto porque as primeiras, a saber, as *virtudes éticas*, eram capazes de educar apenas o caráter e a vontade e se realizavam pela força do hábito. BLUME, Thomas. *Dianoetische Tugenden. UTB-Online-Wörterbuch Philosophie: Das Philosophielexikon im Internet*. Disponível em: <http://www.philosophewoerterbuch.de>

²⁴ BARNES, 2010, p. 88-89. A citação integra um diálogo fictício entre o autor da obra e Aristóteles e traduz parte da compreensão do filósofo grego sobre a ética.

Ocorre que a filosofia grega tendeu a um dualismo de alma e corpo, à divisão entre razão e emoção, entre consciência e o meio em que as pessoas se inserem, ainda que tenha que se fazer distinção, quanto a este dualismo, entre a filosofia de Aristóteles e de Platão.²⁵ Cria-se na existência de uma alma racional como substância distinta e de valor maior em comparação ao corpo, capaz de obter o conhecimento disposto na natureza de todas as realidades. As *virtudes da compreensão* apresentam-se como decorrentes desta aptidão. O corpo, entretanto, surgia como prisioneiro de seus impulsos básicos, de seus instintos caóticos; possivelmente um resquício do pensamento mitológico da cultura grega. À mente iluminada pelo conhecimento – a consciência – adequava-se a crença na possibilidade ontológica de se escolher o bem e dominar o mal; caminho para uma ética livre e cidadã. À pessoa educada por esta via não restava opção de permanecer no caos de suas paixões violentas, pois, uma vez consciente, fortalecida a vontade, não poderia negar o desejo que a constitui de acender à perfeição e à felicidade.²⁶

A ética grega, em seu viés filosófico ou da educação do cidadão comum pela via do hábito, veio a existir, para o Ocidente, inclusive na modernidade, como proposta de ascese dualizada; um problema não resolvido para o homem e a mulher contemporâneos. O teólogo suíço Karl Barth definiu o ser humano moderno como alguém na “procura otimista... de dominar sua vida por meio de sua compreensão (‘seus pensamentos’)\”,²⁷ de modo que o:

“...sentimento básico de nossa época parece-me ser a fragmentação. Muitas pessoas sentem-se internamente fragmentadas. (...) Não têm mais tranquilidade interior. (...) Sua alma não as acompanha mais. Não está onde o corpo precisa estar para cumprir todas as suas obrigações.”²⁸

A consciência e sensibilização éticas não tem valor absoluto, uma vez que somente poderia tê-lo “se estivesse em um vácuo social, religioso e cultural. Mas

²⁵ FISCHER, Gerson Joni. A pessoa: fenômeno causal ou espontâneo? Exame crítico das objeções de Ansgar Beckermann à existência da alma. *Revista Pistis & Praxis*, v. 5, n. 1, p. 67-68, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis>. Platão foi, em sua compreensão de corpo e alma, destacadamente dualista.

²⁶ FISCHER, jan./jun., 2013, p. 59-90; CHAUÍ, 1994, p. 334-342.

²⁷ BARTH, Karl. *Die Protestantische Theologie im 19. Jahrhundert. Ihre Vorgeschichte und Ihre Geschichte*. Zürich: Evangelischer Verlag Ag. Zollikon, 1947, p. 16.

²⁸ GRÜN, Anselm. *O ser fragmentado: da cisão à integração*. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p. 7.

não é possível desenvolver a consciência em um ambiente assim.”²⁹ A percepção no novo milênio é que não há consciência, ou seja, não há razão porque esta “é a fantasia de que temos dentro de nós um instrumento acabado, poderoso, que nos ajuda a argumentar, a discutir, a trazer razões, a nos defender, etc.”³⁰ O que há, de fato, “é o modo de comportamento racional. Nós somos muito mais complexos do que uma razão como se imaginava.”³¹ É-se racional, passional, volitivo e, ainda, um tanto demente.³² Esta, porém, é uma reflexão que carece de maiores desdobramentos, com o fim de se evitar cair em absoluto relativismo.

A tradição ética ocidental, em suas distintas leituras e nuances, com acento na ascese, exibe sinais de esgotamento. Na raiz desta exaustão encontra-se a contestação ao dualismo de corpo e alma, enquanto substâncias distintas e que interagem com suas diferenciadas funções. À alma, nesta visão, cabia a função de raciocinar, de desenvolver a consciência que a tudo procura compreender, tomando decisões pautadas em uma ética cidadã. De outra parte, o corpo devia ser sujeitado pelo hábito de se praticar o que se considerava um bom costume. Esta compreensão grega, seguida de modo semelhante no decorrer da história da humanidade por distintas culturas e religiões, adotada e reorientada no mundo moderno, fundamentalmente pelo *cogito* cartesiano (René Descartes – 1596 - 1650) é, portanto, a que apresenta indícios de cansaço.³³ É referida aqui a percepção mais recente, já mencionada, de que não há consciência que se desenvolva no vácuo, de que não há razão (o ser humano não *tem* alma, é alma vivente), apenas comportamento racional, de que o homem e a mulher “tornou-se tão cétilo e inseguro dos valores, que já não consegue mais se perceber como um lutador contra o mal e em favor do bem.”³⁴

A velha ética tornou-se para o homem moderno não somente insuficiente para solucionar os seus problemas morais urgentes, mas ainda o coloca em

²⁹ MÜLLER, Klaus W. *A consciência na cultura e na religião: vergonha e culpa como fenômeno empírico do superego/eu ideal*. Curitiba: Esperança, 2013, p. 39.

³⁰ STEIN, Ernildo. Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano – II. In.: GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (orgs.). *Construtivismo pós-piagetiano. Um novo paradigma sobre aprendizagem*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 37.

³¹ STEIN, 1993, p. 37.

³² Ver a obra de: MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

³³ FISCHER, jan./jun., 2013, p. 64-76; FISCHER, Gerson J. Paralelos e distinções entre ética filosófica e ética cristã. *Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira*, v. XIII, n. 1, p. 99-114, 2005.

³⁴ ROBLES, 2º semestre de 2013, p. 31.

perigo pela tendência à divisão, que é uma consequência de sua concepção dualista do mundo e dos valores.³⁵

O tempo presente, da pessoa rompida internamente e decepcionada consigo mesma devido à consciência da impossibilidade de fazer justiça ao ideal coletivo do agir virtuoso, demanda que se assumam e elaborem as sombras; o outro lado dos ideais éticos tornados absolutos e que são parte integrante da natureza humana. A moral de superação do mal pelo cumprimento do dever kantiano³⁶ mostrou-se não eficiente e se encontra em estado de depauperação:

Durante quase dois séculos, as sociedades democráticas fizeram resplandecer a palavra do ‘tu deves’, celebraram solenemente o obstáculo moral e a dura exigência de se dominar a si próprio, sacralizaram as virtudes privadas e públicas, exaltaram os valores de abnegação e de puro desinteresse. Esta fase heroica, austera, peremptória das sociedades modernas chegou ao fim.³⁷

A ética no período moderno³⁸ carece ser aqui mais adequadamente detalhada, com o fim de refinar a compreensão da crise da ascese. Ela foi sistematizada por Immanuel Kant, é antropocêntrica e repercute a ética clássica. A sua palavra-chave é dever, semelhante em sentido à consciência educada para decidir e à sensibilização altruísta dos filósofos gregos. Seu centro são os deveres e direitos do indivíduo, nesta sequência, estando a serviço do bem comum.

Saber e poder diferenciar entre o certo e o errado é, para Kant, uma aptidão inerente à razão. Todas as pessoas têm acesso à *lei moral* universal. Esta lei não está sujeita às opções individuais e é válida “para todas as pessoas, em todas as sociedades, em todos os tempos”,³⁹ ainda que não ofereça acesso a como se deve agir em cada circunstância que demande um comportamento ético. Para este pensador, o seu caráter universal para o ser humano reside na percepção e desejo, natural em cada pessoa, de que determinada regra com base na qual se fez algo pudesse se transformar em uma lei geral. Operar algo de acordo com a *lei moral*

³⁵ ROBLES, 2º semestre de 2013, p. 31.

³⁶ Immanuel Kant – 1724 – 1804.

³⁷ LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 55.

³⁸ FISCHER, 2005, p. 101-105. O artigo aqui referenciado, especificamente as páginas indicadas, situa a ética na modernidade. Ver também: GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofía*. Romance da história da filosofia. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996, p. 338-358.

³⁹ GAARDER, 1996, p. 357.

resulta da energia desprendida em superar-se a si mesmo, isto é, as paixões desencontradas que caracterizam a humanidade. A ética moderna requer a consciência do *dever*, na qual as pessoas são tratadas “como um fim em si mesmo, e não como um simples meio para se chegar a outra coisa.”⁴⁰ A regra de ouro da ética para Kant era semelhante às palavras de Cristo, encontradas no evangelho de Mateus: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.”⁴¹

A modernidade foi impulsionada por um intenso otimismo no progresso, inclusive no que diz respeito às possibilidades de ascensão moral, resultado de seu desenvolvimento científico e tecnológico. Na ética clássica como na ética moderna muitos filósofos nutriram grande confiança na razão:

À semelhança dos humanistas da Antiguidade, como Sócrates e os estoicos, a maioria dos filósofos do Iluminismo tinham uma crença inabalável na razão humana. Isto era algo tão evidente que muitos chamam o período do Iluminismo francês simplesmente de ‘racionalismo’. A nova ciência natural deixara claro que tudo na natureza era racional. Assim, os filósofos iluministas consideravam sua tarefa criar um alicerce para a moral, a ética e a religião que estivesse em sintonia com a razão imutável do homem. E isto levou ao pensamento do Iluminismo propriamente dito.⁴²

Este otimismo e confiança no progresso humano traduzia uma ética do dever, na qual “a atitude correta é decisiva para que possamos chamar algo de moralmente correto, não as consequências da ação”.⁴³ É esta exigência de abnegação e sacrifício que nos presentes dias exibe sinais de esgotamento. O fato é que as instituições reguladoras das sociedades modernas não mais são suficientes para garantir nem mesmo os direitos básicos do indivíduo, diante dos desejos exacerbados de consumo de bens de toda espécie que caracterizam parcelas significativas da população mundial, resultando no surgimento de uma realidade diante da qual os apelos éticos somente surtem efeito quando os direitos pessoais já conquistados se encontram ameaçados.⁴⁴

A compreensão das circunstâncias que conduziram a tal estado de coisas no mundo ocidental, não é tarefa fácil, se ainda possível; envolve inúmeros motivos. É o

⁴⁰ GAARDER, 1996, p. 357. Ver: FISCHER, 2005, p. 103-104.

⁴¹ BÍBLIA. Português. *Nova Versão Internacional*. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000, p. 772. Mt 7.12. Ver: FISCHER, 2005, p. 103-104.

⁴² GAARDER, 1996, p. 338.

⁴³ GAARDER, 1996, p. 358.

⁴⁴ LIPOVETSKY, 1994, p. 229-234.

caso de que a referida exacerbação, inevitavelmente, conduz à negação, não somente do indivíduo diante das promessas de progresso da era moderna, mas também à redução do entendimento e do valor da pessoa, em seus contornos biológicos, psíquicos, sociais e espirituais. O necessário equilíbrio entre o pessoal e o coletivo, considerando-se a sustentabilidade da vida no planeta, vê-se ameaçado no mundo contemporâneo:

O excesso, de um lado, gera a falta de outro, tanto no que diz respeito ao encontro do tão desejado bem-estar social comum, como no que diz respeito à satisfação das mais legítimas necessidades da pessoa em particular.⁴⁵

Os condicionantes éticos da contemporaneidade distinguem-se, de um lado, pela busca permanente do que satisfaz e provoque sensações de prazer e, de outro e opostamente, pelo medo, a angustiante percepção de vazio. “O século 21 pode ser definido como o século do vazio”, afirmou recentemente o médico e psicanalista porto-alegrense Abrão Slavutzky,⁴⁶ exigindo-se uma dose expressiva de bom humor para suportá-lo, uma vez que todos concordam que um humorista que brinca, “diverte e alivia os medos e angústias”⁴⁷ das pessoas. Definitivamente, a ética característica da era moderna, a ascese, a consciência do dever, vem sendo considerada um anacronismo para o indivíduo que se situa no tempo presente:

O ‘é preciso’ cedeu lugar ao encanto da felicidade, a obrigação categórica à estimulação dos sentidos, o interdito irrefutável às disposições de ocasião. A retórica sentenciosa do dever já não reside no coração da nossa cultura, substituímo-la pelas solicitações do desejo, pelos conselhos do foro psicológico, pelas promessas de felicidade e de liberdade aqui e agora.⁴⁸

O espírito deste tempo (*zeitgeist*) é de preocupação com o presente, o desejo de gozar o aqui e o agora, uma vez que ao indivíduo, abandonado à sua própria sorte, só resta resignar-se ao ciclo recursivo entre o prazer provocado de modo imediatista e o medo que isola e faz adoecer. O bem-estar social coletivo não se realizou, em escala mundial, até o atual momento segundo padrões de desenvolvimento desejáveis. O indivíduo está vulnerável, em face da crescente

⁴⁵ FISCHER, Gerson Joni. A liberdade cristã em um século de negação do sujeito: por uma paternidade social responsável. In: SCHWAMBACH, Claus (ed.). Reforma e Educação. Anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma. São Bento do Sul/SC: FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editora União Cristã, 2013, p.154.

⁴⁶ SLAVUTZKY, Abrão. O desafio do vazio. In: Zero Hora, 30.06.2012, p. 17.

⁴⁷ SLAVUTZKY, Abrão. *Humor é coisa séria*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p. 338.

⁴⁸ LIPOVETSKY, 1994, p. 56.

degradação social e da precariedade ao acesso e permanência no trabalho que lhe garantiria o sustento. Os jovens temem não encontrar lugar no universo produtivo e, adultos, em perdê-lo. Idosos, por sua vez, veem-se diante do risco de perder definitivamente seu espaço social.

Vive-se no ocaso da razão e no crepúsculo do dever.⁴⁹ Os pilares da modernidade não mais se sustentam por si mesmos, em função, justamente, daqueles elementos que foram alijados de seu meio. A racionalidade sofre permanentes influxos da vontade e experiências humanas; chega-se à conclusão de que fatos não existem sem os valores; a lei de causa e efeito não eliminou a desesperadora busca por sentido em uma era do vazio; o pensamento analítico é desafiado pelo holismo, sem o qual as partes nada significam; o progresso não pode ser ilimitado, pois é gerador de dependência e a percepção crescente é de que não há solução para todos os problemas da humanidade na ciência. O indivíduo vem sendo obrigado a reaprender que é, por natureza, interdependente.⁵⁰

A mentalidade reducionista a respeito do que constitui o humano na cultura contemporânea não mais cede espaço para o conceito de razão que imperou no período moderno. A alma cartesiana, como substância distinta e acima do corpo, capaz de dominar as paixões caóticas, não mais é assimilada por homens e mulheres cansados e decepcionados consigo mesmos. Em suma, a ética do dever, da atitude correta, não mais espelha seus ideais. Resta-lhes recorrer às sensações de prazer imediato para sufocar as impressões indeléveis de um presente e futuro incertos. Não mais se impõe advogar-se pela consciência e o livre-arbítrio, a capacidade absoluta de decidir entre o certo e o errado e o apelo à sensibilização. O ideal grego de que o indivíduo deseje profundamente o bem comum na medida em que passe a conhecê-lo, por se constituir em determinante de sua felicidade, não se sobrepõe. Nem tampouco se sustenta mais a ética kantiana, pois o ser humano vem abdicando de ser o centro de sua própria realização.⁵¹

A apostila dos que refletem sobre os destinos do discurso ético é que a humanidade, constrangida pela urgência de se defender a sustentabilidade do planeta, solidarize-se a favor de uma agenda mínima que possibilite a continuidade

⁴⁹ Em conformidade com o título da obra de Gilles Lipovetsky: *O crepúsculo do dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*, 1994.

⁵⁰ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002, p. 422-435. FISCHER, Gerson. *O paradigma da palavra: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998, p. 30-31.

⁵¹ FISCHER, jan./jun., 2013, p. 59-90.

da vida; uma racionalidade com doses reduzidas de liberdade. O ocaso do dever coincide com o fim da era da realização antropocêntrica. Os ideólogos do novo tempo sugerem o soerguimento de um *ethos* cosmocêntrico, ainda que o sucesso deste projeto não se possa garantir.⁵² Onde estará o seu centro? Será o bastante considerar que tudo se restringe a uma opção pela sobrevivência?

3. A ética cristã como momento segundo e sua relação com a espiritualidade do descenso

A tendência na ética contemporânea, ao se rejeitar a razão, a *existência* da alma humana, é reduzir a pessoa a produto fortuito do vai-e-vem da cultura. Neste caso, nega-se sua natureza tipicamente humana, igualando-o aos demais seres do mundo animal, ainda que mais evoluído do que outras espécies. Resta, por isto, a possibilidade única de defesa de uma moral casuística, de sobrevivência, sem nenhuma menção a valores que possam apresentar-se e ser assumidos como universais.

Contudo, ao se questionar os pressupostos da ética clássica e moderna, não necessariamente o caminho a seguir deva levar à negação do humano como protagonista da vida no planeta, à sua marginalização. A pessoa, em sua integralidade, *não tem* razão, consciência ou alma, mas é alma vivente, é mais ou menos racional e consciente e, por isto, eticamente responsável:

A teoria cartesiana acerca da alma, como sendo separada do corpo, com sua função de produzir o ser consciente, parece não mais necessária; isto ante o fascínio exercido pelas mais recentes descobertas acerca do funcionamento do cérebro. Os conhecimentos, mesmo insuficientes, sobre o funcionamento dos neurônios converte o pequeno órgão cinzento em suficiente para fazer nascer a maravilha da vida consciente. Argui-se, porém: pode a alma ser rejeitada, uma vez assimilada como a manifestação da própria vida?

A ideia de alma não desaparece. Alguns filósofos gregos e romanos, a exemplo de Aristóteles, ao relacioná-la com a vida e, atualmente Bennett, Hacker e Janich, com a pessoa não divisível, se apresentam como uma alternativa reflexiva para o tema. Esta vida continua real, mesmo quando não é completamente consciente, a exemplo de indivíduos com enfermidades degenerativas. Ao se dizer que a alma é a vida do corpo, tal afirmação se relaciona mais à observação de uma realidade e acontecimento diário, do que especificamente um dado empírico a ser oferecido como `prova' de sua existência, de caráter supostamente científico. O mais parece ser

⁵² Para um aprofundamento do tema, ver a obra de: MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*.

especulação, seja no campo das manifestações de cunho materialista monista ou idealista dualista.⁵³

O reconhecimento da centralidade da vida humana somente pode se dar na medida em que se reconhece que esta se vai fazendo em relação, com Deus o criador e nas relações interpessoais pautadas pelos princípios da reconciliação e do respeito:

O testemunho do evangelho, permeado de pessoalidade, é a contribuição que os cristãos e a igreja podem oferecer para esta que é a maior necessidade do ser humano: reconciliar-se com Deus, com o próximo e o seu meio e consigo mesmo.⁵⁴

Nesta perspectiva não se nega a necessidade e exigência do agir ético, não aleatório. Entretanto, tampouco se o inicia de modo antropocêntrico no dever, antes na misericórdia, no “abraço” amoroso de Deus, nas relações humanas permeadas de sentido, na confissão do pecado que é intrínseco à condição humana e na experiência do perdão. Segundo a tradição judaica e cristã, a ética baseada no intuito de se cumprir as leis divinas, ainda que imperiosas para preservar a vida no planeta, não tem a força para transformar homens e mulheres em pessoas justas. Haverá sempre algo que lhes escapa, ou pior, a sua natureza fará permanente oposição ao intento. Não há livre-arbítrio quando o assunto é o que caracteriza a essência humana. “Não há nenhum justo, nem um sequer”, constata o apóstolo Paulo.⁵⁵

Não existe bondade natural. Por natureza (...) somos egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca nos saciam e pelos quais matamos, mentimos, roubamos.⁵⁶

A rejeição da razão na acepção moderna, cartesiana, não faz desaparecer uma racionalidade que se manifesta no dia a dia da humanidade que, de um modo

⁵³ FISCHER, Gerson Joni. Neurociências e antropologia cristã: uma introdução. **Vox Scriptae – Revista Teológica Internacional**, São Bento do Sul, v. 23, n. 1, p. 150-151, jan./jun., 2015.

⁵⁴ FISCHER, Gerson Joni. Pessoa: fenômeno espontâneo ou neural? Uma crítica ao dualismo cartesiano na teologia. In: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Reforma e Educação*. Anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma. São Bento do Sul/SC: FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editora União Cristã, 2013, p. 116.

⁵⁵ BÍBLIA Português: Nova Versão Internacional, 2000, p. 900. Rm 3.10.

⁵⁶ CHAUÍ, 1994, p. 344.

ou de outro, aponta para uma espécie de ordem universal, que também é ética e moral:

“...sempre que encontramos um homem afirmar que não acredita na existência do Certo e do Errado, vemos logo em seguida este mesmo homem mudar de opinião. Ele pode não cumprir a palavra que lhe deu, mas, se você fizer a mesma coisa, ele lhe dirá ‘Não é justo!’ (.....) São essas, pois, as duas ideias centrais que pretendia expor. Primeiro, a de que os seres humanos, em todas as regiões da Terra, possuem a singular noção de que devem comportar-se de uma certa maneira, e, por mais que tentem, não conseguem se livrar dessa noção. Segundo, que na prática não se comportam dessa maneira.”⁵⁷

“Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”⁵⁸ traduz a máxima da ética cristã, porém, seus descritores não são *consciência, dever ou prazer*, sintetizando-se na palavra *amor*. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” é uma de muitas passagens bíblicas que atestam a unicidade deste axioma.⁵⁹ Em paralelo à crescente percepção contemporânea de que não há razão, somente, quando muito, comportamento racional,⁶⁰ de que passados tantos anos “não se pode dizer que vimos o triunfo da razão”, pois “guerras tornaram-se o lugar comum das nossas vidas”,⁶¹ pode inserir-se o testemunho do amor de Deus.

A fé cristã anuncia que a ética tem seu nascedouro na misericórdia de Deus para com a humanidade, encontrando nela toda a sua força. A primeira atitude ética é justamente aquela que reconhece a radical impossibilidade de uma moral que mude a condição humana de comprometimento com a sua ausência, com tudo que lhe é contrária. O reformador da igreja, Martim Lutero, já afirmara no século XVI o que até hoje gera intensa discussão quando o assunto é compreender a ética protestante:

“Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho...”⁶²

⁵⁷ LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. 3 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 9-10 e 12.

⁵⁸ BÍBLIA Português: Nova Versão Internacional, 2000, p. 772. Mt 7.12.

⁵⁹ BÍBLIA Português: Nova Versão Internacional, 2000, p. 983. 1 Jo 4.19.

⁶⁰ Ver a nota de referência 31.

⁶¹ NOVAES, Adauto. A lógica atormentada. Quinto Caderno: Mais! In: *Folha de São Paulo*, 10 set. 1995, p. 7.

⁶² LUTERO, Martim. *Os Catecismos*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 371.

Os teólogos da Reforma do século XVI de modo algum negam a importância de se incentivar e obrigar ao cumprimento das leis em meio a uma nação, especialmente aquelas que guardam a memória do contido no decálogo entre ao povo de Israel (Ex 20.1-17). A vida precisa ser protegida. Contudo, e aqui se destaca o pensamento de Martim Lutero, seu rigoroso cumprimento não poderia servir de álibi para barganhar a justiça exigida por Deus e a pressuposição de superioridade de um sobre outros. Em seus Catecismos Menor e Maior Lutero, como destacada na citação acima, aponta para o que marcou de modo indelével toda a sua teologia, ou seja, por meio da razão e da força é impossível alcançar o favor divino. Esta possibilidade somente é aberta pelo chamado à fé feita no evangelho de Jesus Cristo; fé esta que não se baseia em alguma ética que lhe anteponha.

É esta a ética do descenso, proposta e discutida no protestantismo (ainda que longe de obter consenso), a que procura fazer eco à compreensão da ética cristã testemunhada nas escrituras bíblicas. Uma expressão-chave cara que a define, bastante própria ao ambiente protestante, é: “fé ativa no amor”.⁶³ Para a tradição reformatória, a ética que se baseia no evangelho do amor de Deus é sempre um momento segundo. Nenhuma moral humana pode aparecer como primeira e, isto, porque não se encontrar em condições de se apresentar como prerrogativa para que uma pessoa possa ser considerada justa: “Não há nenhum justo, nem um sequer”.⁶⁴

O evangelho da graça de Deus é o momento primeiro que possibilita ao ser humano, por fé, saber-se pessoa justa. Uma justiça por atribuição; convicção que brota em todo aquele que crê na força do perdão misericordioso de Deus. Diferente não se passa nas relações humanas, nas quais iniciativas de amor e reconciliação soam de modo muito mais contundente do que a judicialização que as vem caracterizando nos dias atuais: “O ódio provoca dissensão, mas o amor cobre todos os pecados.”⁶⁵

Desse modo, a ética luterana não se limita somente a um apelo ao homem. Ela está, pelo contrário, estritamente relacionada com a sua compreensão de justificação e com o significado espiritual desta.⁶⁶

⁶³ FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. 2. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1985.

⁶⁴ Ver a nota de referência 55.

⁶⁵ BÍBLIA Português: Nova Versão Internacional, 2000, p. 983. Pv 10.12.

⁶⁶ LOHSE, Bernhard. *A fé cristã através dos tempos*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981, p. 174.

A ética do descenso é oposta a da ascese. Aquela propõe um caminho para baixo, uma descida, enquanto que esta uma subida, uma confiança centrada na pessoa, a que, justamente como já exposto, apresenta sinais de esgotamento nos dias atuais:

Apenas sobe quem desceu. Somente se agarra na graça quem reconhece a profundidade de seu pecado e se declara incapaz de redimir-se a si mesmo. Então não há espaço para vangloria. Esta é uma espiritualidade que parte da incapacidade humana, e, daí, corre para Deus como único consolo. Não há lugar para a auto-suficiência dos sistemas religiosos que prometem a auto-salvação por meio do sacrifício. Igualmente não resta lugar para a fé arrogante, que despreza o caído e marginaliza o pecador. Jesus, por sua graça, nos libertou para proteger, e não para marginalizar, para incluir, e não desprezar, para amar sem exigências hipócritas de perfeição. Em sua graça, somos livres para abraçar a todos igualmente, ‘*pois todos pecaram*’ (Rm 3.23), e para acolher nossa própria humanidade, pecadora, porém redimida pela graça de Cristo: ‘*o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor*’ (Rm 6.23).⁶⁷

A fé cristã, que é ativada no amor, envolve um apelo ao “coração” humano, ao centro de sua existência. É antropologicamente situada, ainda que não antropocêntrica e, por isto mesmo, não ascética. Ela destaca o valor de cada pessoa como criatura de Deus, apesar de se encontrar na condição de carente de sua misericórdia; o centro de sua existência (coração) só pode ser preenchido pelo acolhimento amoroso e somente se reveste de significado autenticamente ético na medida em que transborda ações inclusivas. A graça atua mediante o testemunho e vivência do evangelho, capacitando e resgatando a pessoa para a fé e a obediência em amor,⁶⁸ um subir acompanhado, não solitário.

A imagem mais próxima do referido apelo para a fé em Deus, que responde em amor, é a parábola neotestamentária do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). Esta, contudo, somente pode ser compreendida quando associada pela do Filho Pródigo (Lc 15.11-31). Em perspectiva antropológica estas estórias representam a atitude de voltar-se em reconciliação consigo mesmo e com os outros. Em vocabulário teológico, segundo a tradição cristã, porém, pressupõe e inclui um voltar-se a Deus por meio da fé em Jesus Cristo. A ética cristã situa-se, em meio aos modelos éticos sociais e históricos, sempre transitórios, como um “fermento que existe para levedar a massa”.

⁶⁷ SEGURA C., Harold. *Além da utopia: liderança servidora e espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2007, p. 151.

⁶⁸ BÍBLIA Português: Nova Versão Internacional, 2000, p. 906. Rm 10.1ss.

Segundo a tradição teológica protestante, inspirada na interpretação bíblica feita por Martim Lutero, não há lugar para uma ascese ética que conduza a Deus e que se fundamente em um pressuposto arbítrio ilibado de uma suposta razão humana existente acima e a parte do corpo. Neste testemunho, o pensamento clássico e moderno a respeito da ética se depara com seu próprio limite. O caminho que conduz à justiça e à liberdade é o descenso, a recepção da mensagem de acolhimento amoroso de Deus em Cristo bem ali onde a condição humana se manifesta e é reconhecida em sua mais intensa crueza:

“A palavra está perto de você; está em sua boca e em seu coração”, isto é, a palavra da fé que estamos proclamando: Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo.⁶⁹

A afirmação da corrupção radical da natureza humana não anula a pessoa, sua intencionalidade. Ela tem por intenção apontar para a mensagem promissora da reconciliação em Cristo. Não se conclui pela incapacidade humana de aprender, construir e decidir por ações éticas que, em bom juízo, se apresentem como melhores do que outras. Porém, este caminho, quando centrado apenas no potencial humano, inevitavelmente conduz ao desalento e cansaço. Sem relações reconciliadas em todos os níveis, o agir ético consciente jamais produzirá a liberdade. Ademais, a fé ativa no amor, com base na graça de Deus e na fé que a acolhe, não melhora a natureza humana. Ela é um convite para se participar ativamente da natureza de Cristo, de modo reconciliado, na esperança da futura redenção de todas as coisas.

Se a modernidade era, como dizia Nietzsche, a história de um erro, valia a pena, todavia, tê-la percorrido até o final. Se o cristianismo oferecia a imagem de um obstáculo para as consciências, valia a pena mergulhar-se nele para descobrir que o reconhecimento de Deus era, por sua vez, uma afirmação do homem em sua totalidade e no exercício pleno de sua liberdade, uma consumação, enfim, de suas possibilidades. Deus não foi, para o crente que assumiu a modernidade, o suplente das incapacidades humanas, mas o próprio centro de sua liberdade e de sua criatividade. Por isso mesmo, o Deus cristão tem ainda alguma coisa a dizer na pós-modernidade.⁷⁰

⁶⁹ BÍBLIA Português: Nova Versão Internacional, 2000, p. 906. Rm 10.8-9.

⁷⁰ CASTIÑEIRA, Àngel. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 185.

Considerações finais

A mensagem cristã se traduz como convite a que o indivíduo se encontre com a sua pessoalidade na centralidade de Deus. É na relação intersubjetiva com a alteridade divina e humana que este assume sua própria identidade. Indaga-se, consequentemente, sobre a maneira de comunicá-la enquanto resposta ao histórico dos modelos éticos e das demandas contemporâneas a seu respeito exibidos no presente trabalho.

Os padrões éticos que se impuseram no modo de vida ocidental revelaram-se extremamente individualistas, carregados de exigências, por fim antropocêntricos, residindo aí a sua crise nos dias atuais. Os mesmos provocam reações contrárias, consternadas e de cinismo, em função de uma mudança profunda que vem ocorrendo na psique humana. Está-se em busca de um modelo que possibilite comportamentos que anunciem compromissos coletivos, ainda que com respeito à diversidade cultural. O que está em pauta são o presente e o futuro do planeta.

O mundo necessita de uma ética da responsabilidade e da compreensão. De que maneira a igreja cristã pode participar deste projeto? Não o fará relativizando a Deus, sua lei, a boa nova do evangelho, nem, tampouco, impondo-os por meio de uma ética ascética no qual não se encontra lugar algum para a misericórdia, o perdão, para a fé que atua pelo amor. Deus e o outro são encontrados em uma direção que se inicia para baixo, no encontro das sombras do pecado, do medo e do vazio que caracterizam a condição humana; a melhor de todas as atitudes que podem se considerar virtuosas. Ali o ser humano não tem razão, consciência ou alma, ante é alma vivente.

A ética cristã não é, primeiramente, obrigação, ainda que se reconheça que a sociedade dos homens e mulheres não pode organizar-se sem imperativos morais. A espiritualidade ética cristã é expressão de liberdade responsável e prazerosa, autônoma e integral, possibilitada pela graça reconciliadora de Deus em Cristo, em meio à crueza que caracteriza a presença da vida no planeta. Esta moral, não religiosa, é “fermento que levada a massa”, que pode fazer toda diferença quando, como afirmou Castiñeira, Deus for para homens e mulheres “o próprio centro de sua liberdade e de sua criatividade”.⁷¹

⁷¹ Ver a nota de referência 70.

Referências

- BARNES, Jonathan. *Auf einen Kaffee mit Aristoteles*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2010.
- BARTH, Karl. *Die Protestantische Theologie im 19. Jahrhundert. Ihre Vorgeschichte und Ihre Geschichte*. Zürich: Evangelischer Verlag Ag. Zollikon, 1947.
- BÍBLIA. Português. *Nova Versão Internacional*. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- BLUME, Thomas. Dianoetische Tugenden. *UTB-Online-Wörterbuch Philosophie: Das Philosophielexikon im Internet*. Disponível em: http://www.philosophtewoerterbuch.de/onlinewoerterbuch/?title=Dianoetische%20Tugenden&tx_qbwphilosophie_main%5Bentry%5D=228&tx_qbwphilosophie_main%5Baction%5D=show&tx_qbwphilosophie_main%5Bcontroller%5D=Lexicon&cHash=9ccf74629f79237219d990cc16fc8de Acesso em: 28 mai. 2014.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2002.
- CASTIÑEIRA, Àngel. *A experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- COLETTI, Roseli Nunes. *Bioética. Paradigma de qualidade nas Instituições Promotoras de Saúde*. Londrina: UEL, 2000.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ENGELHARDT, JR. H. Tristram. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FISCHER, Gerson Joni. A liberdade cristã em um século de negação do sujeito: por uma paternidade social responsável. In: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Reforma e Educação. Anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma*. São Bento do Sul/SC: FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editora União Cristã, 2013, p. 149-188.
- FISCHER, Gerson Joni. A pessoa: fenômeno causal ou espontâneo? Exame crítico das objeções de Ansgar Beckermann à existência da alma. **Revista Pistis Praxis**, v. 5, n. 1, p. 59-90, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis>
- FISCHER, Gerson Joni. Neurociências e antropologia cristã: uma introdução. **Vox Scripturae – Revista Teológica Internacional**, São Bento do Sul, v. 23, n. 1, p. 135-154, jan./jun., 2015.
- FISCHER, Gerson. *O paradigma da palavra: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

FISCHER, Gerson J. Paralelos e distinções entre ética filosófica e ética cristã. *Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira*, v. XIII, n. 1, p. 99-114, 2005.

FISCHER, Gerson Joni. Pessoa: fenômeno espontâneo ou neural? Uma crítica ao dualismo cartesiano na teologia. In: SCHWAMBACH, Claus (ed.). *Reforma e Educação. Anais do 1º Simpósio Internacional de Lutero. Igreja sempre em reforma – 2017: 500 anos da Reforma*. São Bento do Sul/SC: FLT – Faculdade Luterana de Teologia e Editora União Cristã, 2013.

FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. 2. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1985.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. Romance da história da filosofia. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

GRÜN, Anselm. *O ser fragmentado: da cisão à integração*. 3. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

KESSELRING, Thomas. O ser humano no campo de tensão entre tradição e universalização. In.: BRITO, Adriano Naves de (Org.) *Ética: questões de fundamentação*. Brasília: UnB, 2007.

LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. 3 ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *O crepúsculo do dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

LOHSE, Bernhard. *A fé cristã através dos tempos*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

LUTERO, Martim. *Os Catecismos*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1983.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MÜLLER, Klaus W. *A consciência na cultura e na religião: vergonha e culpa como fenômeno empírico do superego/eu ideal*. Curitiba: Esperança, 2013.

NOVAES, Adauto. A lógica atormentada. Quinto Caderno: Mais! In: *Folha de São Paulo*, 10 set. 1995.

ROBLES, Deusa Rita Tardelli. A ética do cuidar na contemporaneidade. *Revista Psicoteologia*, São Paulo, Ano XXI, n. 53, p. 29-34, 2º semestre de 2013.

SEGURA C., Harold. *Além da utopia: liderança servidora e espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 2007.

SLAVUTZKY, Abrão. *Humor é coisa séria*. Arquipélago: Porto Alegre, 2014.

SLAVUTZKY, Abrão. O desafio do vazio. *Zero Hora*, 30.06.2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. C. Bases filosóficas atuais da bioética e seu conceito fundamental. In.: PELIZZOLI (org.) *Bioética como novo paradigma*. Por um novo modelo biomédico e biotecnológico. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 106-127.

STEIN, Ernildo. Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano – II. In.: GROSSI, Esther Pillar e BORDIN, Jussara (orgs.). Construtivismo pós-piagetiano. Um novo paradigma sobre aprendizagem. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 35-42.

WESTPHAL, Euler Renato. *O oitavo dia – na era da seleção artificial*. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.